



Desenhos revelam a preocupação com país
Página 9

DIÁRIO CATARINENSE QUARTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2010



ALUNOS da Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis, aprendem com a professora Sandra o significado das letras

O ABC do aprender

ALFABETIZAR É, HOJE, MAIS DO QUE JUNTAR AS LETRAS, E SABER LER E ESCREVER É CONSEGUIR ENTENDER

Era uma vez uma turminha muito concentrada. Meninos e meninas sentados e encantados, de olhos e ouvidos bem abertos para a viagem proposta pela professora que tem em mãos um livro de literatura. Eles ainda não sabem, mas estão entrando no mundo da alfabetização.

É interessante o momento em que a união das letras começa a fazer sentido e, finalmente, aquilo que parecia um código se transforma em palavras.

Este processo, que antigamente acontecia pela repetição, hoje se dá pela participação, pelo entendimento. Educadores e alunos, juntos, ensinando e aprendendo. Livros, música e teatro são algumas das ferramentas utilizadas para que os pequenos consigam não apenas ler e escrever, mas entender.

Conheça um pouco mais sobre esta nova forma de alfabetização nas páginas 6 e 7.

Editorial

Você se lembra de quando começou a juntar as letri-nhas e formar as palavras? Pois é, nem todos lembram de como esta "mágica" aconteceu nas suas vidas. De qualquer forma, se você tem mais de 30 anos, percebe que a maneira de alfabetizar se transformou.

Nas páginas 6 e 7 desta edição, você vai ver o quanto a tarefa de ensinar a ler e escrever mudou. Inclusive, ganhou um desafio a mais: o entender. Hoje, professor não detém o conhecimento absoluto. Ele ensina e aprende com seus pupilos. Estimula o conhecimento, a curiosidade, o entendimento além das letras.

A técnica da repetição, em que os alunos diziam tantas vezes o bá-bé-bi-bó-bu, até ler as palavras com B, foi substituída pela participação dos atentos estudantes.

Para a professora Sandra Isabel Gonçalves dos Santos, que há 27 anos trabalha com alfabetização, "os alunos viraram sujeitos do aprendizado e o professor, o mediador do conhecimento".

A reportagem é, também, uma homenagem àqueles que participam deste momento fundamental da vida de todos, o de saber ler, escrever e, com isso, ter acesso à cidadania. A ideia é, ainda, lembrar o dia internacional da alfabetização que no calendário é 8 de setembro, mas para os educadores é todos os dias.

Esta edição tem outros destaques, como a arte dos alunos de diversas escolas do Estado, nas páginas 4, 5, 8 e 9; o projeto Momento da Leitura de Joaçaba, na página 11; e o estímulo que a Escola Vidal Ramos Júnior, de Lages, dá aos alunos para que conheçam a história do Brasil.

Na contracapa, o assunto é o bullying. O tema tem sido amplamente discutido pelos efeitos que vem causando aos alunos vítimas da violência nas escolas. E agora, preocupa ainda mais por ter ganhado a forma eletrônica, o cyberbullying.

Especialistas afirmam: as agressões estão em qualquer escola e devem ser tratadas em conjunto por pais e professores.

Boa leitura e até a próxima!

Menos analfabetos

PESQUISA MOSTRA QUE ÍNDICE CAIU, MAS AINDA HÁ 14,1 MILHÕES DE BRASILEIROS QUE NÃO SABEM LER

O Brasil está um pouco menos analfabeto. A taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais caiu 1,8 ponto percentual entre 2004 e 2009. Apesar disso, em 2009 ainda existiam no Brasil 14,1 milhões de analfabetos. Isso representa 9,7% da população nesta faixa etária. Os dados são da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, divulgada na primeira semana deste mês.

Entre as pessoas que não sabem ler nem escrever, 92,6% tinham 25 anos ou mais, o que representava 12% da população nesta faixa etária.

No grupo com 50 anos ou mais, a taxa de analfabetismo é de 21%.

Já os analfabetos funcionais, que são pessoas de 15 anos ou mais com menos de quatro anos de estudo, representa 20,3% da população, ou seja, um em cada cinco brasileiros é analfabeto funcional. O índice é 4,1 pontos percentuais menor que o de 2004 e 0,7 ponto percentual menor que o de 2008.

O DC na Sala de Aula quer saber o que você pensa sobre o assunto. Acesse o www.dcnasaladeaula.com.br e diga se acha a taxa significativa e o que acredita ser necessário fazer para reduzir o analfabetismo no país.

Os números

NO BRASIL

População: **192,3 milhões**

Taxa de analfabetismo **9,7%**

2,5%

10 a 14 anos

9,7%

15 ou mais

EM SANTA CATARINA

População: **5,9 milhões**

Taxa de analfabetismo

1,2%

10 a 14 anos

4,4%

15 ou mais

Viagem sem sair do lugar

Nossa última edição, em 7 de julho, destacou as ações que estimulam o gosto pela leitura e a imaginação dos alunos das escolas de Santa Catarina.

A matéria que preencheu as páginas centrais mostrou que a contação de histórias é importante não apenas àqueles que já sabem ler, mas também para os alunos que estão começando a conhecer as letras.

Formar novos leitores tem sido o foco de diversas escolas do Estado. Como no Colégio Colégio Estadual José Simão Hess, em Florianópolis. Lá, a sala de aula da 5ª série se transforma nos dias de contação de história. A mudança não é física, mas emocional. Quando a professora de língua portuguesa Maria da Graça Corrêa começa a ler grandes clássicos da literatura, a turma viaja sem sair da sala.

– A minha preocupação é formar leitores. Acho que, com a contação, consigo plantar uma semente – diz Maria da Graça.



Mais na internet

Se você é daqueles que adora ficar em frente ao computador, vai adorar a versão eletrônica do DC na Sala de Aula. Tudo que você lê aqui, no impresso, encontra lá no www.dcnasaladeaula.com.br. As reportagens, os trabalhos dos alunos e as fotos publicadas.

No site, você também pode sugerir pautas, fazer comentários quanto ao conteúdo publicado, dar sua opinião sobre temas relativos à educação, ler notícias e entender as leis referentes ao universo escolar.

A edição que você lê agora é a quarta edição deste ano. Até dezembro, quando as aulas terminam, estaremos planejando mais um número. Veja os critérios de publicação no quadro ao lado, coloque a cuca pra funcionar, e boa sorte.

Próxima edição:

✓ 10 de novembro

Envie projetos/produções para publicação no caderno DC na Sala de Aula:

1 – Critérios para envio de produções dos alunos das escolas estaduais às Gerências Regionais de Educação (Gereds):

- ✓ Enviar em folha A4
- ✓ Identificar o trabalho no verso
- ✓ Devem constar nome completo, idade, série, escola e município
- ✓ O professor deverá enviar, juntamente com as produções dos alunos, um resumo do objetivo do trabalho desenvolvido
- ✓ As produções devem ser enviados dentro do prazo estabelecido pelas Gereds

2 – Critérios para envio de artigos de profissionais de educação para publicação:

- ✓ Devem ser encaminhados com, no máximo, 2 mil caracteres.
- ✓ Fontes Times New Roman ou Arial, tamanho 12

- ✓ Participe você também!
- ✓ Escolas: divulguem seus eventos no nosso mural. Esse espaço foi criado especialmente para vocês.

Inscrições para a Udesc até o dia 1º

As inscrições para o vestibular de verão da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) vão até 1º de outubro. O prazo foi prorrogado por causa da inclusão da graduação de Administração Pública, em Balneário Camboriú, que não seria oferecida antes. Com isso, o número de vagas no concurso passou de 1.580 para 1.610, distribuídas em 44 cursos.

As inscrições custam R\$ 65 e devem ser feitas apenas pela internet no endereço: www.vestibular.udesc.br. A primeira fase das provas será no dia 24 de outubro, e a segunda no dia 28 de novembro, em Florianópolis, Joinville, Lages, Ibirama, Chapecó, São Bento do Sul, Balneário Camboriú e Laguna.

Além da inclusão deste curso, a Udesc oferece a graduação inédita de Engenharia Sanitária, em Ibirama.

78,1% são da rede pública

A rede pública de ensino responde por 78,1% dos estudantes brasileiros, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009 (Pnad), divulgada na semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nas regiões Norte e Nordeste essa proporção ultrapassa os 80%. No total do país, 55,2 milhões de estudantes estavam matriculados na rede pública no ano passado.

Destes, 54,7% estavam em instituições de ensino municipais. Outros 42,9% eram da rede estadual, e 2,4% estudavam em colégios ou universidades federais.

Para quem quer estudar no exterior

Florianópolis recebe, na próxima segunda-feira, a Expo Estude no Exterior, das 16h às 21h, no Majestic Palace Hotel. Com a presença de cerca de 50 instituições de excelência de pelo menos 10 países, a feira é uma boa oportunidade para quem busca informações sobre cursos fora do país. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas pelo site www.estudenoexterior.com/feira2010.

Quem participar e indicar mais 10 amigos concorre a bolsas para estudar na Argentina e no Canadá, com direito a hospedagem e alimentação. Durante o evento, os participantes poderão assistir a palestras e seminários sobre destinos, viagens e oportunidades no exterior.

DIÁRIO CATARINENSE

Gerente de Operações: Adriano Araldi
 Coordenadora do programa: Vanessa Esteves
 Produção e edição: Angela Muniz, Francine Cadore, Pablo Gomes, Daisy Trombetta, Melissa Bulegon e Júlia Antunes Lorenço
 Diagramação: Keli Cumerlato
 Telefone: (48) 3216-3444
 E-mail: nasaladeaula@diario.com.br

O que pensam os internautas



“Sem dúvida, e para ser justo e imparcial, nesses tempos em que a nova pedagogia proíbe os pais de usarem a varinha no traseiro de filhos rebeldes, e não respeitam nenhum tipo de autoridade, até professores são desacatados e agredidos. É muito boa a ideia da filmagem nas escolas, para denunciar, não apenas os educadores, mas também os alunos mal educados.”

Hipólito Álvaro Batista, Porto Alegre (RS)

“Concordo plenamente, pois para quem trabalha conscientemente e com crianças, e faz jus ao seu serviço, e faz bem feito, não terá medo de mostrar o que faz de melhor: trabalhar com crianças, caso contrário terá que trabalhar em outra área.”

Adenilson Peixer, Tijucas

“O monitoramento das escolas infantis, por câmeras de vigilância, é uma medida, no meu ponto de vista, necessária. Esse equipamento dará mais confiança aos pais dos pequenos alunos, às direções dos estabelecimentos e aos próprios professores. Entendo, aliás, que os educandários de todos os níveis do ensino deveriam dispor dessa importante ferramenta, o que proporcionaria maior segurança, tanto de eventos internos como externos.”

José Ernani Freitas, Balneário Camboriú

“Concordo inteiramente, mas vocês terão surpresas: os alunos é que provocam o desrespeito, já que são cheios de direitos. É como já falaram: a pretensa criança inocente, nada faz, e o aluno é sempre a vítima. Sobra para o professor. Sabiam que de acordo com pesquisas sérias, o professor passa 30% da aula tentando colocar ordem na bagunça? As câmaras serão uma prova contundente para que os educadores possam processar os pais por danos morais... Mais que justo...”

Fabio Destri Acosta, Criciúma

“A frequência conhecida e divulgada de casos de maus tratos a crianças em escolas e creches talvez não justifique tanta precaução. A não ser quando o ambiente é mantido e gerido diretamente pelos pais e responsáveis. Se um caso de mau-trato acontece, pode comprometer a continuidade do funcionamento do estabelecimento. Não se deve deixar uma criança em lugar onde não exista um mínimo de confiança.”

José Silveira, Brasília

“Acho um absurdo! Professores vêm tendo uma formação de educadores, seria um desrespeito com eles, que não devem ser confundido com um ser qualquer. Professores de educação infantil, têm o objetivo de fazer parte do desenvolvimento da criança e não devem passar por isso.”

Aurélia Maria da Costa Costa, Florianópolis

“Maus tratos contra as crianças? Acho que as câmeras seriam úteis para provar a falta de limites das crianças/adolescentes e a falta de respeito com os educadores. Estes sim, muitas vezes são vítimas de violência. Ah, coitadinhos dos adolescentes...”

Bruno Oliveira, Gaspar

“Concordo totalmente. Pais que sabem das crianças que tem, nada temerão. Crianças educadas e estudiosas sequer vão se dar conta das câmeras. Professores sérios e dedicados se sentirão confortáveis. No entanto, a base da solução dos grandes problemas, entre eles os conflitos gerados dentro das salas de aula, passa justamente por uma educação séria. Planejar e investir seriamente em educação, eis aí um grande desafio.”

Roque Rohden, Florianópolis



HERMÍNIO NUNES, BD, 24/06/2010

ESCOLAS DE EDUCAÇÃO infantil públicas e privadas deverão instalar câmeras de vigilância eletrônica para monitorar professores e crianças, se lei for aprovada

BBB na sala de aula

PROJETO DE LEI DEFENDE, MAIORIA DOS INTERNAUTAS TAMBÉM

Está em discussão, no Congresso Nacional, um projeto de lei que obriga as escolas de educação infantil públicas e privadas a instalarem câmeras de vigilância eletrônica para monitorar professores e crianças. O objetivo, segundo o autor, é coibir maus-tratos contra os pequenos de até seis anos. A proposta tramita em caráter conclusivo e precisa da aprovação de duas comissões para entrar em vigor. Em Florianópolis, uma escola de

educação infantil da rede privada se antecipou ao projeto de lei do deputado Francisco Rossi (PMDB-SP). Na Milênio Baby, o monitoramento eletrônico é utilizado desde o ano passado. As 16 câmeras estão espalhadas pelos corredores, salas e áreas de recreação.

A diretora Paula Zanettini Ribeiro justifica que optou pelas câmeras para ter uma visão de todo o espaço físico da creche, dinâmica da criança e atuação dos profissionais. As imagens ficam gravadas por 15 dias na escola e já foram usadas para desfazer mal-

entendidos e esclarecer questões sobre o comportamento dos pequenos e atuação dos professores.

A diretora de educação infantil da Secretaria Municipal de Educação considera o projeto polêmico. Ela diz que o aprendizado dos pequenos deve ser compartilhado entre a escola e a família, e que é preciso haver confiança na instituição que recebe a criança.

O *DC na Sala de Aula* perguntou a opinião dos internautas. A maior parte dos que acessaram o www.dcnasalade-aula.com.br concorda com o projeto.

“Da mesma forma que querem colocar câmeras para fiscalizar abusos praticados por professores, deveriam também fiscalizar alunos que agredem, não respeitam colegas e professores, que estão em sala de aula por obrigação sabe-se lá obrigados por quem. E dou mais algumas sugestões: colocar câmera e abrir os sigilos fiscal e bancário de deputados e senadores. Hipócritas!”

Murilo Moreira, Palhoça

“Concordo há um bom tempo com essa ideia, algumas escolas já têm esse serviço. Sou completamente a favor da lei. Principalmente nas escolas primárias, onde o aluno é muito novo para se expressar. Sou a favor também do acesso dos pais às imagens. Meu filho, hoje, tem sete anos, mas quando tinha um, estudava em uma escola particular no Bairro Coqueiros, em Florianópolis. E sempre que chegava a hora de entrar, era uma choradeira... Não era um comportamento comum. Mudei o colégio e ficou tudo bem... Mas nunca vou saber o que acontecia lá dentro. Sou completamente a favor.”

Caroline Didone, Milão (Itália)

“Não! O que diminuirá este problema será a execução de concursos de bom nível, com pré-requisitos adequados, um salário digno e um acompanhamento da orientação pedagógica em tempo integral, tanto para os professores quanto para os alunos.”

Mara Protta, Florianópolis

“Totalmente contra. Não pode ser que transformemos os medos gerados pela mídia e o deslumbramento pela tecnologia num estado de vigilância onde todos estão de olho em todos. Violência sempre existiu e sempre vai existir. Se os pais não podem confiar nos professores da escola, então devem mudar de escola. O desempenho dos profissionais da educação será afetado ao saber que estão sendo vigiados. Existem outras formas de fiscalizar.”

Gabriel Rosen, Florianópolis

“De pleno acordo. Tanto para monitorar os professores quanto para monitorar os alunos, afinal, tanto de um lado como de outro, podem ocorrer abusos. Aliás, o que tem de aluno dissimulado por aí...”

Marcos Felipe, Florianópolis

“Concordo porque muitas escolas estaduais hoje têm gangues violentas e, quando os pais são chamados, esses jovens dizem que não fazem nada, e os pais omissos não acreditam na direção, pensam que seus filhinhos são anjinhos, passam a mão na cabeça, tirando toda autoridade da escola. Futuramente, seremos uma geração de idosos nas mãos desses jovens tiranos, sem limites.”

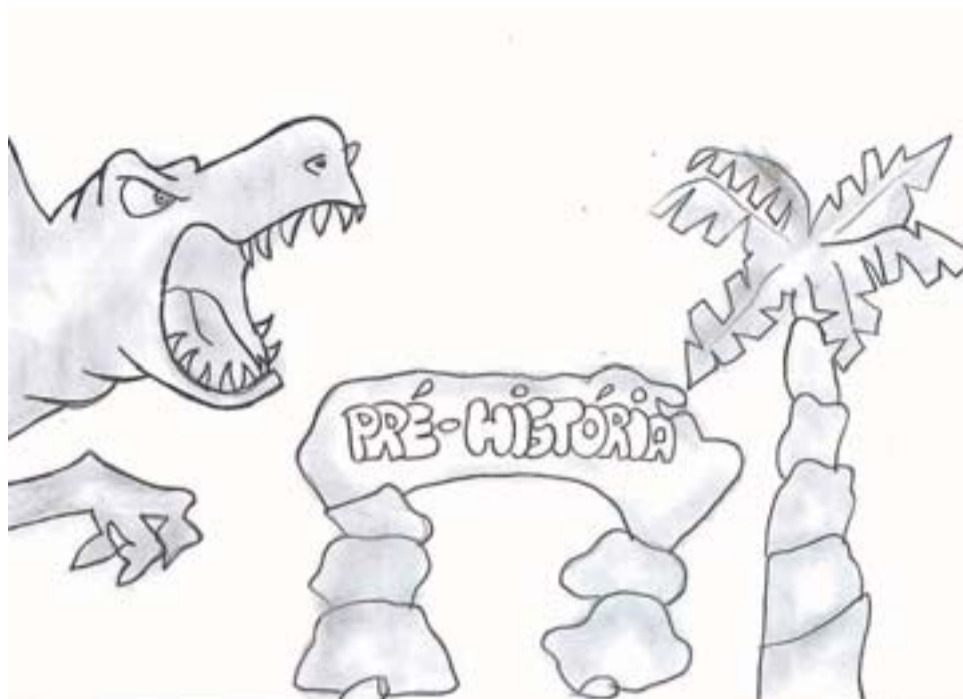
Salette Regina Adriano, Florianópolis

“De pleno acordo. A instalação de câmeras de vigilância vai aumentar muito a segurança e a tranquilidade para todos em todos os sentidos.”

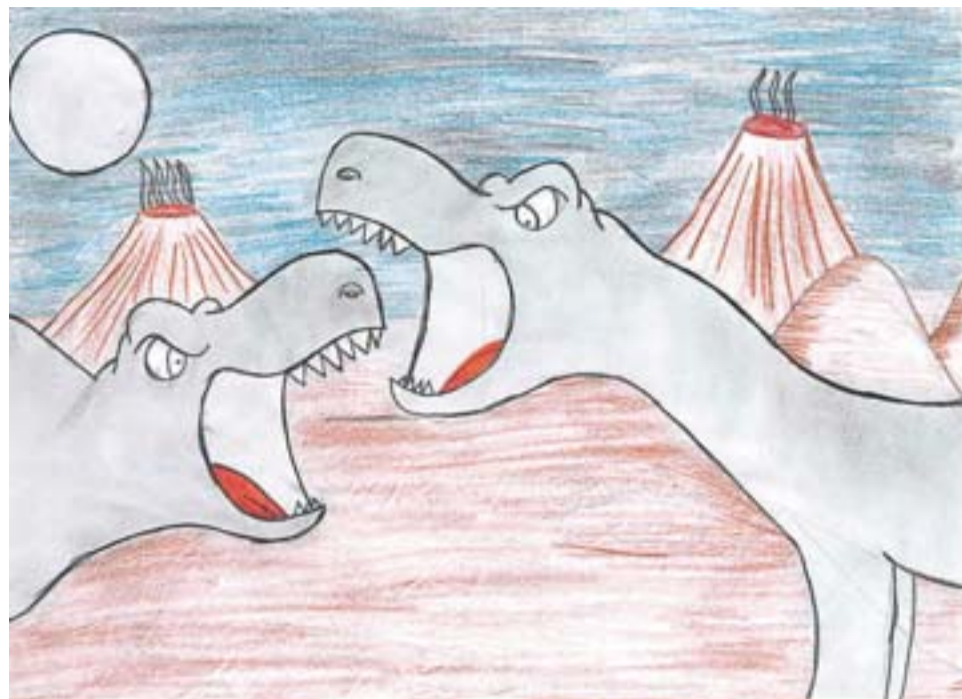
Romilton Rita, Criciúma

“É o cúmulo quando se chega a um ponto destes em nosso Brasil. Mas se não tem outro jeito, eu sou a favor. Pois tenho um filho de oito anos, estuda em uma boa escola, mas acredito que nem todos têm essa sorte. Mas se for para fazer, que se faça bem feito. Que os pais tenham acesso, em tempo real, para ver o que se passa na escola.”

Geovani Defrein, Ituporanga



EMANUELE GUIMARÃES, 14 anos, 8ª série



RENATA RODRIGUES, 13 anos, 7ª série

Aprendendo com a pré-história

O mistério da existência dos dinossauros na pré-história foi a inspiração para os alunos da Escola General Osório, de Três Barras, Norte de Santa Catarina. A época ganhou formas e cores pelos olhares dos estudantes.

As professoras de geografia, Patrícia Juliana de Oliveira, e de arte, Maria Rosélis Guimarães de Souza, exibiram para a turma o filme *10.000 anos A.C.*, uma odisséia numa era mítica de profecias e deuses, quando os espíritos governavam e poderosos mamutes faziam a terra estremecer. Depois de assistir ao filme, os alunos puderam perceber as diferenças entre a pré-história os dias atuais, observando, entre outras coisas, as belezas naturais



LUZ MAIARA CORTELLINI, 14 anos, 8ª série

BIANCA
HELENA
DA SILVA,
9 anos,
4ª sérieELIVELTON
JONKO, 13
anos, 8ª série

A arte nunca ENVELHECE

O prazer de pintar o belo está presente tanto na arte primitiva quanto na moderna. E pode ser considerado uma das mais lindas linguagens criadas pela humanidade para expressar seu sentimento diante da vida e da natureza.

Baseada neste conceito, a professora de história Luciane Boeing Soares apresentou a seus alunos da Escola Sagrado Coração de Jesus, em Canoinhas, no

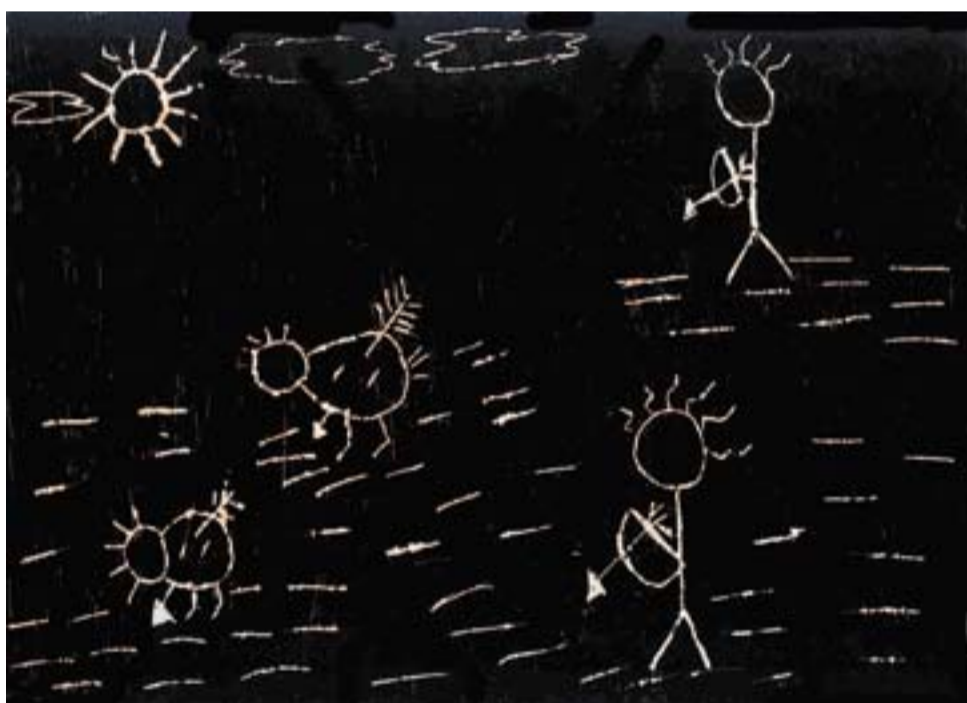
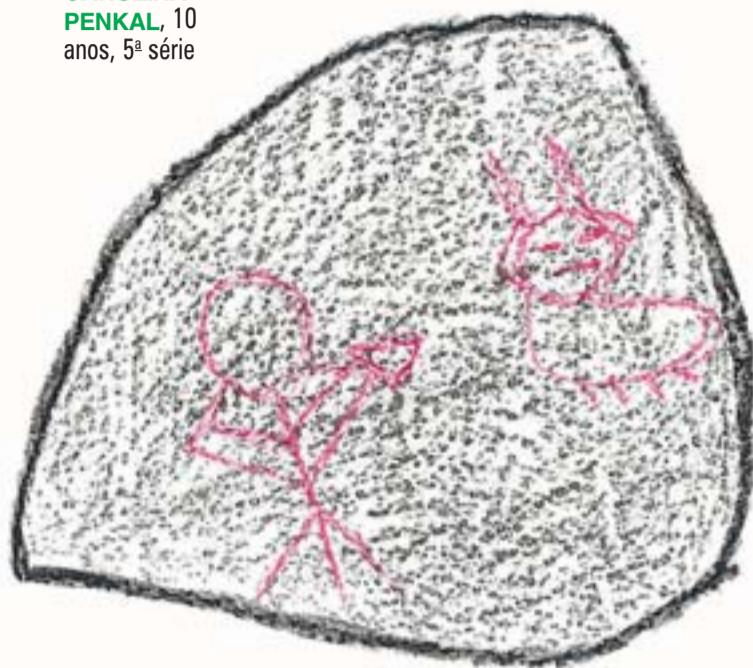
Norte do Estado, a arte de sítios arqueológicos.

A intenção da professora era mostrar aos alunos da 5ª série a importância que os sítios arqueológicos têm para a humanidade.

– Eles representam uma parte importante da memória e da identidade humana, e que deve, portanto, ser valorizada e preservada – afirmou.

Os alunos produziram desenhos que representam as pinturas rupestres e retratam o cotidiano da época.

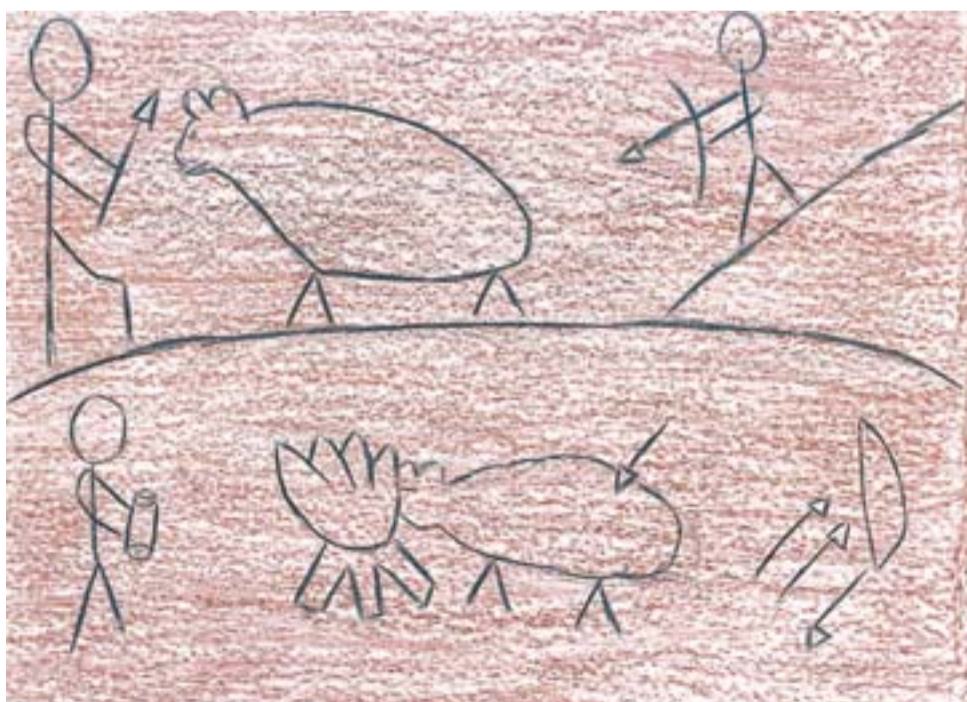
CAROLINA PENKAL, 10 anos, 5ª série



MARIA IZABEL ALVES PAES, 10 anos, 5ª série



EMERSON SCHINDLER JUNIOR, 11 anos, 5ª série



CAROLINA WOREL, 10 anos, 5ª série



JULIO SIDORAK JUNIOR, 12 anos, 5ª série

Uma releitura do B + A = BA



HERNANJO ANUNDES

GUIADOS POR UM LIVRO DE LITERATURA INFANTIL, ALUNOS ENTRAM NUMA VIAGEM QUE OS LEVARÁ À ALFABETIZAÇÃO

JÚLIA ANTUNES LORENÇO

Os olhos não piscam. Nem mesmo o barulho e o flash da máquina do fotógrafo desviam a atenção das crianças da 1ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis.

Nada é capaz de tirá-las dessa viagem fantástica, guiada por um livro de história, lido em alto e bom tom pela professora.

Os alunos não sabem, mas esse passeio os está levando para outro mundo: o da alfabetização.

Os livros de literatura infantil são aliados da professora Sandra Isabel Gonçalves dos Santos, 49 anos, na tarefa de alfabetizar. Ela faz isso há 27 anos. De 1983 para cá, muita coisa mudou em sala de aula. Sandra relembra que ensinar uma criança a ler e escrever partia da ideia de que apenas o professor sabia.

Só a gente podia falar e o aprendizado se dava por memorização. Era o esquema das repetições silábicas, como o bá-bé-bi-bó-bu. Eles repetiam tanto que uma hora conseguiriam ler as palavras com B, por exemplo.

Hoje, quem entra na sala de aula onde a professora está não tem dúvida de que os tempos são outros. Até mesmo fonemas complexos, como os dígrafos, são trabalhados desde a 1ª série.

Os alunos viraram sujeitos do aprendizado e o professor, o mediador do conhecimento – observa a Sandra.

Livros, músicas e imaginação

Enquanto estão envolvidos em alguma das atividades propostas pela professora, os alunos, entre 6 e 7 anos, nem percebem que estão aprendendo. O resultado está nos dedinhos levantados, quando são questionados sobre quem da turma sabe ler e escrever. A maioria garante que sabe e os que estão no caminho já se dizem leitores por imagem.

– Ler por imagem é quando o aluno conta a história do livro, baseado nas ilustrações – explica a professora.

A literatura infantil está presente na maioria das atividades. As vezes a professora reúne a turma para contar uma história e, a partir disso, trabalha a escrita. Pede para os alunos falarem quem são os personagens do livro e, depois de

listados, ensina aos alunos a grafia, os fonemas e as sílabas das palavras.

– Mas o educador precisa tomar cuidado para não transformar o livro de história em didático. Não dá para acabar com esse mundo mágico – alerta Sandra.

Outra atividade que os alunos adoram é contar a história no microfone, acompanhado de uma caixa de som. Músicas e teatro também são usados por Sandra para despertar nos alunos o interesse pelas palavras.

Os estudantes passam por duas avaliações. Uma é escrita e bimestral, e a outra é feita pelos próprios colegas de turma. Nesta, eles ganham uma medalha de ouro, prata ou bronze, que vai para um mural colado na parede.

Além de fazer com que seus alunos saiam da 1ª série lendo, escrevendo ou pelo menos bem encaminhados, Sandra tem outra preocupação: – Quero que a leitura seja para eles um prazer. Se depender do interesse da criança, que cobra da professora até mesmo a coleção a que o livro pertence, ela está no caminho certo.

• julia.antunes@diario.com.br

Cada um tem seu tempo para aprender

Não é raro uma criança exibir orgulhosa um pedaço de papel com o nome escrito em letras tortas. Ver sentido naquele monte de letrinhas é uma verdadeira vitória.

Mas vale o alerta da psicopedagoga Priscila Leonel Pasqualini: respeitar o tempo de alfabetização de cada um, no entanto, é fundamental para não atrapalhar o aprendizado.

Stefani Costa, seis anos, aluna da 1ª série da Escola Estadual Irineu Bornhausen, sabe muito bem o que é isso. Ela lê e escreve algumas coisas. Gosta dos livrinhos que a professora Sandra indica, mas a atividade preferida dela é “escrever nome de bicho como a cabeça pensa”, sem seguir regras ortográficas. Nesta brincadeira, cavalo pode muito bem virar cavl, por exemplo.

Durante o processo de aprendizado, a psicopedagoga observa que é bom não forçar a barra:

– Cada criança tem seu tempo cognitivo e emocional para ser alfabetizada. O fator neurológico aponta a idade adequada para isso por volta dos seis anos, mas nada impede que as crianças que são mais estimuladas comecem a ler antes.

Além disso, até os sete, oito anos, os pequenos estão na primeira infância. Estudos apontam que essa idade, o mais importante, para eles, é brincar e desenvolver o lado lúdico. Mesmo quando alfabetizados, não significa que entendem o que estão lendo.

– A criança pode ser alfabetizada, mas não letrada. Por isso, é sempre bom questioná-la depois da leitura, para saber o que entendeu da história – observa Priscila.

Estimular desde cedo o contato com a escrita é a melhor maneira de ajudar a criança nesse processo. Priscila recomenda que os pais leiam histórias, mostrem revistas, gravuras, outdoors e até mesmo logomarcas, como a da Coca-Cola. Também é muito importante incentivar a coordenação motora fina. Para segurar um lápis e escrever, por exemplo, a criança vai precisar dela:

– Se tiver dificuldade nisso, ela poderá se sentir desestimulada – acrescenta a psicopedagoga.

Para ajudar a criança:

A psicopedagoga Priscila Leonel Pasqualini separou algumas atividades para serem feitas com os filhos ou alunos. Para conferir, acesse www.priscaleonel.com.br, vá no menu à esquerda, em mensagens, e clique em alfabetização.

“

O fator neurológico aponta a idade adequada para a alfabetização por volta dos seis anos, mas nada impede que as crianças estimuladas comecem a ler antes.

Priscila Leonel Pasqualini

Leitura desde cedo

MÁRCIA FEIJÓ

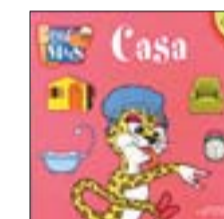
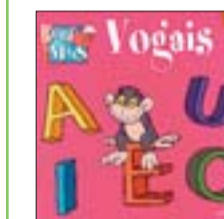
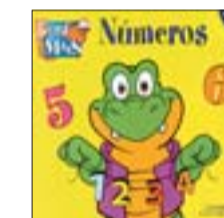
Há algum tempo as editoras brasileiras têm produzido muito material interessante como apoio para crianças em idade de alfabetização. Muitos deles podem – e devem – ser utilizados em casa, pelos pais ou demais cuidadores. Vários títulos, inclusive, podem ser aproveitados no período anterior, pois a leitura por parte dos adultos ajuda a criança a fixar os sons das palavras mais corriqueiras.

Alguns requisitos são importantes na hora de escolher os livros para esta faixa etária. Trabalhar com vocabulário fácil e acessível à criança, é primordial. As letras devem ser grandes, para que as crianças possam identificar facilmente

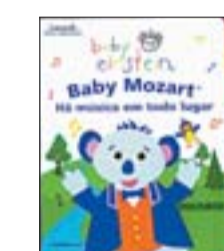
seu som (mesmo os que ainda não leem). Ilustrações divertidas e multicoloridas são essenciais para garantir a atenção. Atualmente muitas edições são desenvolvidas em material resistente, para que sejam livremente manuseadas pelas crianças mais jovens.

Para completar o kit, nada como a interação dos adultos. Promover atividades como procurar os objetos enumerados nos livros pela casa, por exemplo. Mais do que introduzir a criança no universo das letras, o manuseio desses livros junto aos pais pode resultar em agradável brincadeira. Afinal, um início lúdico e divertido pode estar garantindo um leitor que recorrerá aos livros com prazer.

Aqui vão algumas dicas do Sopa de Letrinhas*



Coletânea Bebê Mais (Vogais, Números, Cores, Formas, Casa). Editora Caramelo. 12 págs. (cada) R\$ 29,90 (cada)



Coletânea Baby Einstein! (O Mundo Colorido de Van Gogh, Baby Mozart – Há Música em Todo Lugar e Baby da Vinci – Meu Corpo). Disney/Caramelo. 12 págs. (cada). R\$ 24,90



Coletânea Olho Mágico! Editora Caramelo. 14 págs. R\$ 24,90

O Batalhão das Letras, de Mario Quintana. Ilustr. Rosinha. 32 págs. R\$ 19,80



Turma da Mônica de A a Z (30 livros, um para cada letra), de Mauricio de Sousa. Reader's Digest. R\$ 299,80 (toda a coleção) - à venda no site www.riders.com.br

* O Sopa de Letrinhas é o espaço que o DC publica, todas as segunda-feiras, no Caderno Variedades

Três anos para começar a ler

Três anos para as crianças estarem alfabetizadas. É assim que o Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, trabalha o processo de ensinar a ler e escrever com seus alunos.

A assistente pedagógica das séries iniciais, Tatiany Kretzer, explica que se antes havia obrigação de a criança sair da 1ª série lendo e escrevendo, hoje ela tem os três primeiros anos para estar plenamente alfabetizada. A mudança veio com a alteração do ensino fundamental de nove anos. Nele, os alunos ingressam com seis anos.

– Eles não serão reprovados na 1ª nem na 2ª série, só na terceira é que podem repetir. Mesmo assim, fazemos o possível para que estejam prontos, com aulas de reforço – observa a assistente.

O primeiro ano é marcado por atividades mais lúdicas, com bastante leitura de livros pelas professoras. Há também produção de pequenos livros:

– Neste momento, é preciso fazer com que eles entendam a utilidade de saber ler e escrever. O desempenho da criança depende muito dos estímulos que recebem em casa e do contato que têm com a leitura.

No segundo ano, os alunos têm uma ênfase maior na escrita. Trabalham mais com o alfabeto e os números.

– As crianças já sabem usar o caderno e o lápis. Em seguida, vem a terceira série para fixar tudo o que elas já aprenderam – diz Tatiany.

Outras atividades

Confira algumas das atividades feitas pela professoras Sandra Isabel Gonçalves dos Santos com os alunos dela:

✓ **Alfabeto móvel:** com base na leitura de um livro para o grupo, pedir para os alunos escolherem um personagem. Se for o cachorro, por exemplo, pedir que um deles monte, com as letras, a palavra no chão. Ao final, é interessante perguntar para os colegas se a grafia da palavra está correta.

✓ **Uma vez por semana,** pedir para os alunos levarem livros para casa, para depois lerem em voz alta para os colegas. A professora sugere a coleção Gato e Rato, porque é gostosa de trabalhar e ilustrações grandes e chamativas.

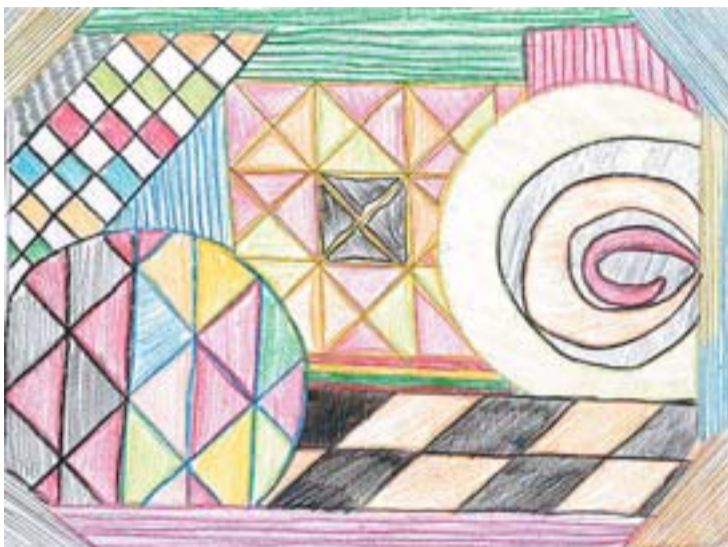
O encontro do ponto com a linha

Um ponto e uma linha. Com estes dois elementos, os alunos das 6ª e 7ª séries da Escola Neiva Maria Andreatta Costella, de Chapecó, criaram desenhos diferentes e coloridos.

Orientados pela professora Dimali Aparecida Ongaratto, os alunos desenvolveram os trabalhos a partir do estudo da importância do ponto e da linha na confecção de um desenho, pois são elementos fundamentais na criação artística.

Eles estudaram também as diversas formas de expressar a linha, como retas, curvas, traços ondulados e mistos. A atividade serviu para que os alunos percebessem que a linha é a soma de muitos pontos e pode variar. Seja fina ou grossa, todas são uma trajetória.

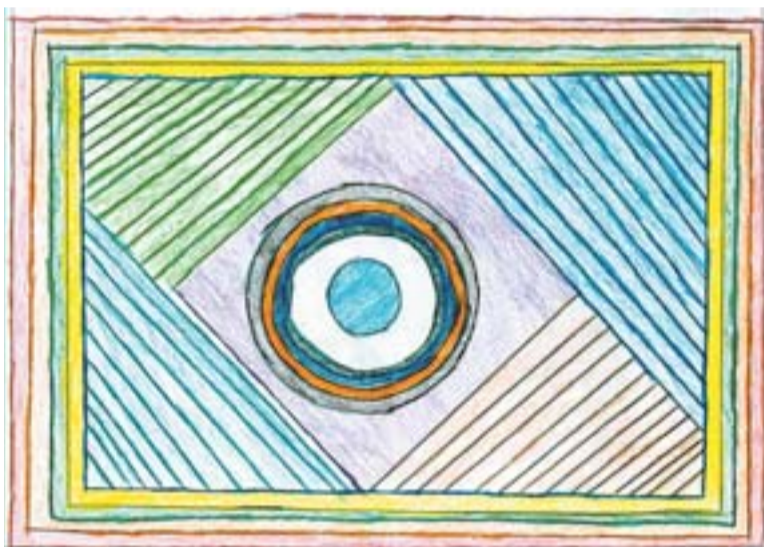
– A maneira como o ponto e a linha são usados em conjunto pode definir o movimento e a aparência geral de um trabalho artístico – explica Dimali.



RONIVAN DE LARA, 15 anos, 6ª série



CYNDEL BORGES, 11 anos, 6ª série



DIEGO MERA CASA, 14 anos, 6ª série



FABIO JUNIOR VAZZOLER, 12 anos, 6ª série

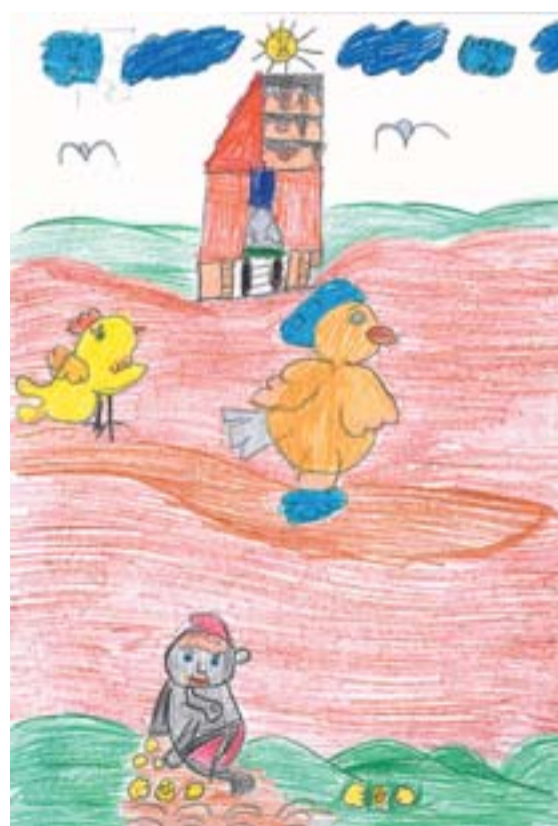
Folclore, cultura e diversidade coloridas



MICHELE DOS SANTOS, 6 anos, 1ª série



MICHELE DOS SANTOS, 6 anos, 1ª série



HENRIQUE DE MORAES BATISTA, 7 anos, 1ª série

Os alunos da 1ª série da Escola Dr. Rui Pimentel

Batista, de Xanxerê, Oeste de Santa Catarina, deram vida aos personagens do folclore brasileiro.

A atividade foi sugerida pela professora Ana da Luz de Lima e imediatamente aceita pelos alunos. Saci-Pererê, Iara, Mula-Sem-Cabeça e outras criaturas inesquecíveis ganharam vida e cor nas mãos e imaginação dos pequenos.

– O saber popular atravessa o tempo pela comunicação oral das gerações, sendo recontado, falado, declamado ou cantado – explica Ana.

Problemas brasileiros em pauta

Um país na UTI. Assim os alunos da Escola Pedro Américo, de Agrolândia, Oeste de Santa Catarina, definiram o Brasil. Chegaram à conclusão depois de analisar os problemas sociais e ambientais enfrentados pelos brasileiros ao longo de sua história.

Qual a intervenção médica a ser feita? Com o tema Brasil! Onde estás? Oh, Independência, a turma do 3º ano do ensino médio, estimulada pela professora de geografia Lirtes Miller Geiss, usou a arte para expressar as doenças que o país vem enfrentando.



JASSIRA HUGEN,
17 anos, 3º ano do ensino médio



ALEXSANDRA SENEM,
15 anos, 3º ano do ensino médio



ALINE SUELEN ZWICKER, 17 anos, 3º ano do ensino médio



DANIANE ALINE SCHAEFER, 17 anos, 3º ano do ensino médio



LAIZ CORREA, 16 anos, 3º ano do ensino médio



DANIELA KRIEGER, 17 anos, 3º ano do ensino médio

Conhecer a história para entender o Brasil

AULAS QUE VÃO ALÉM DOS LIVROS MOSTRAM O PAÍS QUE MUITOS BRASILEIROS AINDA NÃO DESCOBRIRAM

Lages

PABLO GOMES

Acabamos de recordar os 56 anos da morte do presidente Getúlio Vargas, no dia 24 de agosto, e de comemorar os 188 anos da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro. Lembraremos os 175 anos da Revolução Farroupilha, no próximo dia 20, votaremos nas eleições gerais do dia 3 de outubro, faremos referência aos 98 anos da Guerra do Contestado, no dia 12 do mesmo mês, e celebraremos os 121 anos da Proclamação da República, no dia 15 de novembro.

Quantas datas, acontecimentos e desdobramentos diferentes. Será que todos os brasileiros sabem o que tudo isso significa? O que teria motivado cada episódio da história? As versões existentes são apenas as oficiais, escritas há longos anos e publicadas nos livros, ou ainda há muito mais a ser descoberto?

Entre os 1,8 mil alunos da Escola de Educação Básica Vidal Ramos Júnior, em Lages, uma das maiores da Serra Catarinense, os estudos vão além do que se encontra nas bibliotecas e do que a ainda jovem democracia permite ter acesso.

Os professores mostram aos alunos que aquilo que está pronto e foi ensinado aos seus avós e pais pode estar ultrapassado. Admitem os mestres que a história foi escrita pela elite, e por isso apresenta divergências ou fatos que não foram contados.

– Procuramos não ficar só no planejamento, pois a história que conhecemos está ultrapassada. Precisamos incentivar cada aluno a buscar o diferente e nos preocupamos em interagir com outros assuntos além dos que estão nos livros didáticos – dizem as professoras Alessandra Machado, Dirce Mieko, Giovana Amorim e Rute Vieira.

Assim, trata-se de uma história de uma forma geral, ligando um fato ao outro, do descobrimento há 510 anos até os dias atuais. Estes fatos, por sua vez, são analisados a fundo. Como a Independência, por exemplo.

Não se fala apenas que Dom Pedro I gritou “Independência ou morte” às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo, em 7 de setembro de 1822. Questiona-se, sim, que independência é essa – econômica, social, política, religiosa –, se realmente existe e quais os seus efeitos.



LIVROS E AULAS em locais históricos de Lages completam as informações dadas em sala sobre a trajetória do país

FOTOS PABLO GOMES

Atividades extras para estudar a história local

Rica em história, a Serra Catarinense proporciona outras formas de aprendizado. Sempre que possível, são realizadas saídas a campo, com visitas a fazendas que abrigaram escravos e museus que guardam preciosidades sobre a região, como o Memorial Nereu Ramos, uma homenagem ao lageano que foi o primeiro e único catarinense a ser presidente do Brasil, de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956, e que morreu em acidente aéreo no Paraná em 16 de junho de 1958.

Revistas e livros que tratam da história estadual e regional, palestras com historiadores e trabalhos sobre a Revolução Farroupilha – que registrou importantes acontecimentos no Estado, como a Tomada de Laguna e as sangrentas batalhas no Passo de Santa Vitória, em Lages, e no Capão da Mortandade, em Curitibaanos, acrescentam conhecimento.

– História é aprender o passado para compreender o presente e não errar no futuro – diz Kener Floriani Palhano, de 17 anos, aluno do 3º ano do ensino médio e vice-presidente do Grêmio Estudantil da Escola de Educação Básica Vidal Ramos Júnior, em Lages.



CONSCIENTES, Carla e Francielle vão votar este ano

Política e eleições em pauta

Apesar de não existir a disciplina de política na grade curricular, na Escola de Educação Básica Vidal Ramos Júnior o assunto é levado a sério e discutido entre professores e alunos. Os mestres buscam mostrar aos jovens a diferença entre a verdadeira política, aquela capaz de transformar uma sociedade, e a politicagem, que apenas enche os bolsos dos desonestos.

– Quando se fala em política, se remete à corrupção. Procuramos mostrar que o tema está na nossa vida. Os jovens precisam saber usar a democracia – diz a professora Alessandra Machado.

A educadora lamenta haver uma certa despreocupação com a política por parte dos adolescentes. Ela acredita que as notícias que chegam sobre política os levam a não dar atenção ao assunto:

– Percebemos que os alunos que trabalham, que já têm seus compromissos, são os mais interessados.

Mas existem os jovens que apostam num país decente e não querem deixar ninguém decidir por eles o futuro.

Carla da Silva, 17 anos, e Francielle Melo, 19, alunas do 3º ano do ensino médio, vão votar pela primeira vez nas eleições de outubro. Elas acompanham os programas dos candidatos na TV e ouvem as propostas para votar nos melhores.

Vão votar na esperança de que os eleitos cumprirão suas promessas. Aos interessados nos seus votos, Carla e Francielle pedem muita atenção à educação, à saúde e à segurança pública.

– O futuro do país está em nossas mãos, e um único voto pode fazer diferença – alerta Carla.

“

Uma atitude muda tudo. O futuro do país está em nossas mãos e um único voto pode fazer diferença.

Carla da Silva
Estudante



DAISY TROMBETTA

LIBERDADE DE ESCOLHA do livro e do local para ler é um dos destaques do projeto implantado em 2008

Um momento só para a leitura

Joaçaba

DAISY TROMBETTA

O hábito de ler começa a ser desenvolvido em casa. Mas é na escola que se consolida. Tanto é verdade que, cada vez mais, professores dedicam espaços à leitura. Seja para grandes obras ou para reportagens com assuntos do dia a dia, a garotada está aprendendo a ter um lugarzinho reservado aos livros na mochila.

A Escola de Educação Básica Governador Celso Ramos de Joaçaba, Meio-Oeste, sabe bem a importância de incentivar a leitura. Desde 2008, os alunos param, toda semana, por 15 minutos. A ordem: dedicar-se somente aos livros.

O projeto, batizado de Momento da Leitura, promove a familiarização dos alunos com o mundo da prática literária. Muito distante da obrigação, o momento é prazeroso.

Isso porque a liberdade de escolha também está prevista. Em sala, no pátio ou na biblioteca. Os alunos decidem o melhor lugar para folhear jornais, revistas e livros. Segundo a assistente técnico-pedagógica da escola, Roselaine Muller, a iniciativa vem dando certo:

– Temos um cronograma mensal com os dias que a escola para. A maioria dos alunos permanece em sala de aula e cada um lê o que gosta.

Nesta escola, a leitura já subiu paredes e virou objeto de decoração e de estímulo. Uma sala também foi equipada confortavelmente com almofadas, tapetes e livros. O espaço se tornou o lugar preferido dos alunos.

No momento da paradinha dedicada aos livros, a disputa pelas almofadas comprova o sucesso da iniciativa de fazer dos alunos bons leitores e, porque não, futuros escritores. Por meio da curiosidade despertada, os professores conseguem estimular as atividades.

Maria Luiza Firmino, que está na 7ª série, garante que não falta concentração para identificar os assuntos e enriquecer o vocabulário:

– Todo mundo gosta do momento de leitura. Os professores pedem para comentarmos os assuntos. A gente desenvolve o vocabulário e aproveita para se inteirar do que está acontecendo – conta.

Outro exemplo que está estimulando os estudantes está na Escola de Educação Básica Pero Vaz de Caminha, em Florianópolis. Com a inauguração da primeira sala de leitura do Estado, viabilizada pelo projeto Leitura para Todos em Santa Catarina, o acesso aos livros está virando hábito.

O local é de entrada livre à comunidade e incentiva o envolvimento coletivo nos projetos escolares. O objetivo dessa sala é juntar alunos, pais, avós e vizinhos no mundo da literatura

ESCOLA DE JOAÇABA PARA TODA SEMANA POR 15 MINUTOS, E OS ALUNOS SE DEDICAM SOMENTE AOS LIVROS

É lei

A preocupação com o crescimento intelectual e cultural dos estudantes da escola de Joaçaba pode servir de modelo para a construção de outras instituições. Mesmo porque, em um prazo de 10 anos, todas as escolas públicas e privadas do Brasil deverão ter bibliotecas. A lei Nº 12.244 foi sancionada em maio deste ano e, com esse incentivo, os alunos terão acesso fácil aos livros. A exigência inclui, no mínimo, um exemplar para cada pessoa matriculada.



> As datas das próximas inaugurações projeto Leitura para Todos no Estado em www.dcnasaladeaula.com.br

Bullying, mais perto do que você imagina

PRESENTE NAS ESCOLAS, AGRESSÃO PODE CAUSAR ISOLAMENTO E QUEDA NO RENDIMENTO ESCOLAR

MELISSA BULEGON

A titudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro. Engana-se quem acha que esse tipo de comportamento é exclusivo de um determinado lugar. O *bullying* está em todas as escolas. O grande diferencial entre elas é a postura que cada uma toma frente aos casos que se apresentam.

– É mais uma forma de violência que vem ganhando novos contornos e exigindo da escola uma cultura de não tolerância – acredita Cristiane Antunes Espíndola Zapelini, psicóloga e pesquisadora sobre violências do Núcleo Vida e Cuidado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dentro desse contexto, há ainda o *ci-*

berbullying, a perseguição por mensagens de celular, por filmagens ou fotografias de situações constrangedoras que podem ser veiculadas pela internet ou até pela criação de um perfil falso em sites de relacionamento para difamar o colega ou fazer a adulteração de fotos.

As formas mais comuns deste tipo de agressão são humilhação, apelidos depreciativos e os chamados jogos de poder, protagonizados por aqueles que se destacam na turma.

– Eles intimidam os colegas para que obedecem aos seus comandos sob pena de exclusão do grupo. Fazem ameaças de agressão física ou constrangimento moral, de mensagens difamatórias ou ofensivas. São ataques à autoestima que, em muitos casos, estimulam sentimentos de rejeição, dificuldades de inserção no grupo, medo de ir à escola, crises de angústia e estados depressivos – completa.

Entre as consequências estão o isolamento, a queda no rendimento escolar e a desmotivação. Em casos extremos, o estado emocional da vítima pode ser afetado de tal maneira que ela acaba optando por soluções trágicas, como o suicídio. De acordo com Cristiane, isto acontece em qualquer processo de exclusão que crianças e jovens sofrem na escola.

Na opinião da pedagoga Ana Cristi Ouriques, quem pratica o *bullying* encobre os seus próprios medos e sofre de baixa autoestima. Muitas vezes, é resultado dos valores enfatizados na mídia, como ser magro, alto e belo. É a busca pela autoafirmação.

– A vítima normalmente não se manifesta porque é tímida e faz a opção de sofrer calada. Em outros casos, procura ajuda dos pais ou outras pessoas – informa Ana.

A psicóloga Cristiane alerta para a importância de pais e educadores estarem alerta ao que acontece em sala de aula. Deve-se buscar mudar a cultura da humilhação e da perseguição no colégio.

O perfil de quem comete ou sofre a violência apresenta as mesmas características. São pessoas inseguras, tímidas e com dificuldade de comunicação. Normalmente, se destacam como melhores alunos. Podem ter sido vítimas de algum tipo de ataque, ter pouca empatia e capacidade de liderança. O aluno que sofre com o *bullying* precisa comunicar pais e procurar o apoio pedagógico da escola.

– A escola precisa capacitar os professores e demais profissionais para saberem identificar e mediar estas situações – sugere a pesquisadora Cristiane.

◆ melissa.bulegon@diario.com.br

Ação de todos

Nada de achar que as agressões entre os alunos são brincadeiras de crianças. É preciso estar atento para os sintomas que indicam a prática do *bullying* ou do *ciberbullying*. Muito mais que isso, a busca pela solução passa pela conscientização de que o problema existe e não pode ser omitido. Ações precisam da atuação conjunta da equipe pedagógica, dos pais e dos alunos que estão ou não envolvidos diretamente.

Saiba identificar

Quem é alvo:

- ✓ As vítimas ficam isoladas no recreio, costumam ser muito retraídas e faltam às aulas.
- ✓ Costumam apresentar depressão, desinteresse na escola e inventam desculpas para não ir às aulas.
- ✓ Os pais devem ficar de olho se os jovens têm marcas e hematomas pelo corpo, que podem ter sido causados por agressões.
- ✓ Apresentam mudanças frequentes e intensas de estado de humor, com explosões repentinas de irritação ou raiva.
- ✓ Geralmente não têm amigos ou têm poucos.

Quem pratica:

- ✓ Os agressores fazem brincadeiras de mau gosto, insultam e constrangem, ameaçam e intimidam.
- ✓ Costumam ser populares na escola e estão sempre enturmados.
- ✓ Em casa, são crianças e adolescentes que desafiam pais, irmãos e responsáveis, não respeitam e manipulam as pessoas.
- ✓ Divertem-se à custa do sofrimento alheio.
- ✓ Manipulam pessoas para se safar das confusões em que se envolvem.

Prevenção na escola

- ✓ Ensine a olhar para o outro e a perceber que as diferenças existem e precisam ser toleradas.
- ✓ Incentive o senso de proteção coletiva e de lealdade.
- ✓ Crie vínculos com os estudantes e deixe-os demonstrar o que sentem.
- ✓ Dê o exemplo: evite comandar a sala com violência a autoritarismo.
- ✓ Estabeleça normas e explique o porquê de elas serem seguidas.
- ✓ Alerta para os riscos da tecnologia.
- ✓ Promova reuniões com pais e encontros com grupos de alunos

Como resolver

- ✓ Identifique as mudanças no comportamento dos alunos.
- ✓ Aplique questionários para ter um diagnóstico sobre como os alunos se relacionam.
- ✓ Fale com os envolvidos em particular. A escola não pode legitimar a atuação do agressor, nem puni-lo com sanções não relacionadas ao mal que causou, como proibi-lo de frequentar o intervalo. O foco deve se voltar para a recuperação de valores essenciais, como o respeito.
- ✓ Encaminhe os casos a outras instâncias.

O que é

Bullying

- ✓ De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, a palavra é utilizada para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto meninas.
- ✓ Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas.
- ✓ Os comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis.

Ciberbullying

- ✓ As agressões ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos.
- ✓ Além de a propagação das difamações ser praticamente instantânea, o efeito toma proporções muito maiores.
- ✓ Não há limites geográficos.
- ✓ A maioria dos agressões faz uso do anonimato.
- ✓ Os agressores se valem do anonimato para atingir a vítima da forma mais vil possível.



FELIPE PARUCCI